

OR-04

CARACTERÍSTICAS E PREVALÊNCIA DE HIV/IST DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL ANTES E DEPOIS DE 72 HORAS APÓS O EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA SEXUAL NO HC-FMUSP, NO PERÍODO DE 2001-2018, SÃO PAULO



Lani P. Cuello, Maria Ivete Castro Boulos, Vivian I. Avelino-Silva, Aluísio C. Segurado, Isabelle V.V. Nisida

Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, SP, Brasil

Ag. Financiadora: Própria

Sessão: TEMAS LIVRES | Data: 01/12/2020 - Sala: 1 - Horário: 18:45-18:55

Introdução: A violência sexual (VS) é um problema de saúde pública global e subnotificado. O diagnóstico, tratamento e oferta de profilaxia para infecções sexualmente transmissíveis após o episódio de VS ainda é um desafio pois depende do tempo de chegada profilaxia pós-exposição para o HIV e dependente da adesão das vítimas para seguimento das outras ISTs.

Objetivo: Descrever as características e prevalência de HIV/IST das vítimas de violência sexual antes e depois de 72 horas após o episódio de violência sexual.

Metodologia: Neste estudo transversal comparamos as vítimas de VS que procuraram atendimento antes e após 72 horas (72 h) e em até 6 meses após o episódio de VS. Analisamos variáveis demográficas, clínicas e relacionadas à VS usando testes qui-quadrado, testes Wilcoxon Rank-Sum.

Resultados: Foram incluídas 394 vítimas de SV que procuraram o NAVIS-HCFMUSP, em São Paulo, no período de 2001 e 2018. Destas, 216 (76%) eram do sexo feminino, com mediana de idade de 21 (intervalo interquartil-IIQ 11-29) anos, 274 (70%) de cor de pele branca. As 120 (30,5%) vítimas que procuraram atendimento após 72 h do episódio de VS eram mais jovens 17 (IIQ 7-29) anos, com menor escolaridade 7 (IIQ 1-11) anos e mais frequentemente não brancas 43 (36%) e com deficiência física ou mental 14 (12%). Estas também referiram com maior frequência episódios de violência repetidos 29 (25%), próximo ao domicílio 46 (38%) e por perpetrador conhecido 58 (54%). Embora as vítimas que procuraram atendimento antes das 72 h do episódio de VS sofreram intimidação física com mais frequência 216 (79%), a intimidação verbal 52 (43%) foi mais comum naqueles que procuraram atendimento após 72 h. O episódio de VS foi reportado às autoridades de segurança pública em apenas 20% dos casos. Os resultados das ISTs pesquisadas foram: herpes vírus 5 (1%), clamídia 9 (3%), gonococo 1 (1%), HPV 6 (12%), tricomonas 0 (0), sífilis 6 (2). Neste estudo não houve diferença da prevalência de ISTs/HIV encontrada nas vítimas que procuraram o NAVIS-HCFMUSP antes e após 72 horas do episódio de VS.

Discussão/Conclusão: As vítimas de VS que chegaram após as 72 h eram mais frequentemente indivíduos socialmente vulneráveis. As políticas de saúde devem priorizar as

intervenções que visam melhorar o acesso a cuidados médicos para prevenção de ISTs/HIV das VVS.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101049>

ÁREA: EPIDEMIAS E DOENÇAS EMERGENTES

OR-05

EVOLUÇÃO TEMPORAL DA INCIDÊNCIA DAS HEPATITES A, B E C, NO BRASIL E NO ESTADO DE SÃO PAULO, DE 2006 A 2018



Thais C.R.O. Konstantyner, Camila Bertini Martins, Beatriz Maurer Costa, Tulio Konstantyner

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil

Sessão: TEMAS LIVRES | Data: 01/12/2020 - Sala: 2 - Horário: 18:15-18:25

Introdução: A análise periódica da evolução temporal das doenças (re)emergentes é essencial para subsidiar ações no Sistema Único de Saúde (SUS). Especificamente, o monitoramento da incidência das hepatites possibilita avaliar as estratégias de prevenção no país para o alcance da meta assumida para eliminação das hepatites virais até 2030.

Objetivo: Analisar a tendência temporal da incidência das hepatites A, B e C no Brasil e no Estado de São Paulo (ESP).

Metodologia: Estudo ecológico de séries temporais com dados públicos de notificação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN, registrados no período de 2006 a 2018. Foram construídas séries históricas de incidência das hepatites A, B e C para o Brasil e para o ESP. Utilizou-se o modelo de Prais-Winsten para análise de tendência; o ano de ocorrência dos casos foi considerado como variável independente (X) e o logaritmo das incidências como variável dependente (Y). Foram calculados APCs (annual percentage change) e seus respectivos intervalos de confiança de 95%. Considerou-se tendência ascendente quando a APC foi positiva, decrescente quando a APC foi negativa, e estacionária quando o zero estava contido no intervalo de confiança de 95%. As análises foram realizadas no Stata 16.1.

Resultados: Ente 2006 e 2018, foram notificados 95.472 casos de hepatite A, 192.088 de hepatite B e 153.590 de hepatite C. O ESP foi responsável por 5%, 22% e 48% destas notificações, respectivamente. No Brasil, houve uma redução na incidência de hepatite A (incidência média: 4 casos/100 mil; APC: -37%; IC95%: -47% a -28%) e aumento na hepatite C (incidência média: 6 casos/100 mil; APC: 5%; IC95%: 1% a 11%); a hepatite B apresentou-se estacionária (incidência média: 7 casos/100 mil; APC: 1%; IC95%: -6% a 7%). Já no Estado de São Paulo, as séries históricas das incidências de hepatite A (incidência média: 1 caso/100 mil; APC: 11%; IC95%: -13% a 42%), hepatite B (incidência média: 8 casos/100 mil; APC: -2%; IC95%: -10% a 6%) e hepatite C (incidência média: 13 casos/100 mil; APC: -2%; IC95%: -6% a 1%) apresentaram-se estacionárias.

Discussão/Conclusão: Houve queda na incidência de hepatite A e aumento na hepatite C no Brasil, que atualmente